Antonio Peticov
Um pintor brasileiro nas águas de Leonardo da Vinci

ANTONIO BIVAR

Ele está há dez anos fora do Brasil e há oito radicado em Milão, onde vive e trabalha num duplex agradável, que recebe a luz do sol nascente e poente. O apartamento está localizado em um edifício tranqüilo, de cinco andares e sem porteiro, e a dois passos do **Parco Sempione**, onde costuma fazer **footing** todas as manhãs. Pintor e artista, Antonio Peticov nasceu em Assis, interior de São Paulo, filho de pai búlgaro (pastor batista) e mãe capixaba, de Cachoeiro do Itapemirim.

Uma das pessoas mais inquietas e ativas que conheço, Toninho Peticov é, basicamente, um produto dos anos sessenta que extrapolou a contra-cultura e hoje se locomove em todos os espaços, incluindo o futuro. O que ele tem feito de lá para cá daria para encher alguns volumes: foi o primeiro no Brasil a ser preso via **LSD**, quando as viagens de ácido ainda não eram proibidas pela lei. Passou dois meses na Casa de Detenção: "Aquele contato com a "lei" e com a prisão abriram-me os olhos para muita coisa". Entre outras criatividades, foi também quem juntou o grupo que mais tarde ficaria famoso como **Os Mutantes**, embora hoje prefira não tocar no assunto, dizendo, à guisa de trocadilhos "Esse assunto me ir-Rita". Um dos primeiros psicodélicos brasileiros — hoje, óbvio, detesta o termo — Peticov, no fim dos sessenta, agitava festivais e concertos ao ar livre, transava com todos os grupos musicais, tinha sempre uma equipe de adolescentes deslumbrados, esperando ordens tipo faça-isso- faça-aquilo- cole-o-cartaz-nas-escolas- nos-muros- vá-aos-jornais- às-rádios- promover-a-abertura-da-primavera-no-Ibirapuera- etc. Pintava cartazes, descolava locais pra **shows, happenings**, arrebanhava neófitos.

Antes de mais nada um viajante, ele conta: "Minha primeira viagem ao exterior foi em 1969, quando fui com **Os Mutantes** para o festival de Midem, em Cannes. De lá fui para a Inglaterra, e fiquei um mês esperando o **show** de Jimmi Hendrix. De Londres viajei para Nova Iorque e depois Califórnia. Voltei ao Brasil, fiquei um ano aqui e após os dois meses na prisão mudei-me para Londres onde vivi um ano e meio até que um amigo, também pintor, de passagem pela cidade, falou-me da Itália. Fui para lá pensando em ir depois para os Estados Unidos, mas pouco a pouco fui ficando. E gosto muito. Acho que a influência da pintura italiana em cima da minha tem sido muito boa. Principalmente porque acho que os italianos têm um tipo de frieza calculista conceitual que, dentro de mim, está muito bem balanceada com o **feeling** e a espontaneidade brasileira".

Mas para quem viaja tanto e que, só no ano passado, esteve quatro vezes em Nova Iorque, mais dois meses no Oriente, (em Bali, na Indonésia) sem falar nas duas vindas ao Brasil para exposições de seus trabalhos, realmente deve ser um conforto voltar para a casa em Milão, vestir calças tipo pijama, botar o avental, calçar alpargatas e começar a pintar. Mesmo de passagem pelo Brasil, onde tem muitos amigos, Peticov às vezes sente saudades da casa em Milão: "É a minha toca, o lugar onde realmente posso botar os pés em cima da mesa".

Câncer, com ascendente em Capricórnio, Antonio Peticov está gostando muito dos seus 33 anos e tem encontrado muita gente na mesma faixa que está achando ótima essa idade. Mas ele não se entusiasma muito com as notícias publicadas na imprensa do mundo ocidental, prometendo uma revival "dos hippies:"

"Os sessenta foram anos de estímulo, de descobertas, de sonhos, idéias, de movimentos positivos. Os setenta foram o reverso da medalha, anos de desilusões, uma década mais contemplativa e estagnante, e que trouxe à tona o fenômeno **punk**, que existe somente na Inglaterra".

Esse **revival hippie** pode ser uma coisa boa, ainda que Peticov não se iluda quanto a tratar-se de mais uma manipulação do capital. E pergunta: "Que é que você acharia se as pessoas começassem a cantar **Alegria, Alegria** no contexto atual? E continua: "É óbvio que, manipulação por manipulação, essa retomada vai dar a muita gente a oportunidade de entrar em contato com uma coisa que foi muito boa e importante na formação de toda uma intelectualidade atuante nos últimos vinte anos (**beats** incluídos).Não se pode comparar a disponibilidade dos meios de comunicação,hoje,mesmo os chamados de **underground**, com aquela que havia na época, quando pouca gente, os escolhidos, ficava sabendo. Então, é claro que tudo aquilo que foi batalhadíssimo e conseguido com unhas e dentes hoje vai ficar muito mais fácil". E nas profecias, que prometem para os oitenta um colapso total do Ocidente, Peticov acredita?

"Não sou vidente, mas a barra está pesada. No Brasil vive-se numa ilha cultural isolada, nessa redoma aparentemente colorida e o resto do mundo é um pouco distante. Mas, na verdade, a situação geral do mundo inteiro está muito suja e complicada. Suja, no sentido de que os meios de que o poder dispõe, hoje, não só em matéria de fogo, mas de Tecnologia ligada à Cultura, à informação, ao controle cultural, etc. são muito maiores e seus efeitos muito mais rápidos que há poucos anos. Cada vez que volto para a Itália vou com um pouco de medo. Perto de Milão há os arsenais da NATO. Se acontece uma explosão, em fração de segundos, tudo acaba. No Brasil também se combate muito, mas no mundo todo o combate é fraco em proporção à eficácia do poder em manter esses programas energéticos suicidas que são os nucleares. Obviamente, são programas que servem aos interesses do capital, enquanto que a soma da energia alternativa não serve ao poder. E como realmente o poder — "taí" o nome — é o PODER, é difícil dar murro em ponta de faca, muito embora eu ache que é melhor revestir a mão de ferro para continuar dando esses murros que desistir. Eles estão com quase tudo, mas não estão com tudo. Resumindo: a barra está pesada no mundo inteiro."

A síndrome da China é, decididamente, um horror. Peticov deixou temporariamente o Ocidente e foi refrescar a cuca no Oriente, em fins de 79. Quais foram as impressões de Bali, captadas pela sensibilidade do artista? Numa tarde ao pôr do sol, ele teve uma iluminação: os orientais, mais da metade da população da Terra, têm uma cultura quatro ou cinco vezes mais velha que a nossa, e totalmente funcional. E toda a nossa cultura — incluindo Picasso e Leonardo, Dante e Descartes — resulta em uma irrealidade que não tem o menor espaço e nenhuma necessidade ali. Tudo aquilo de que nós, os ocidentais, somos formados, só tem valor mesmo é aqui.

Resultado: Peticov voltou de Bali com uma visão do mundo ainda mais ampla e, em Milão, antes de vir para o Brasil, fez um quadro tendo a ilha como tema. E como em toda a sua obra, aNatureza, o belo, o espírito ecológico, aparecem com muita força e atingem, no seu agradável, desde as pessoas mais sofisticadas às mais simples, das crianças aos mais velhos. Tudo vem da intuição, mas passa pelo filtro da matemática.

Agora, Antonio Peticov deve estar novamente em Milão, misturando suas tintas nas águas de Leonardo, que era de Vinci, mas transava muito em Milão. Em maio o nosso homem estará expondo quarenta desenhos, em lápis e pastel, na Galeria Paulo Figueiredo, São Paulo, e na Gravura Brasileira, no Rio. Será, segundo suas próprias palavras, "uma divagação teórica do princípio do meu trabalho que é a luz. Alguns desenhos são abstratos e outros figurativos, ligados exclusivamente à presença da cor em tudo. Se viu, tem cor. Se tem luz, então tem cor. Jogo com as sete cores do prisma do espectro solar".

E quanto a voltar a morar no Brasil?

"É uma coisa que sempre coça fundo na minha cabeça, mas só de pensar me dá um certo tremelique. Mas venho ao Brasil, sempre, duas vezes por ano".

Fotografia de Chico Aragão